

FORMAR NA LIBERDADE E PARA A LIBERDADE

SEGUIR CRISTO NA VIDA SACERDOTAL

Francisco Insa (coord.)

prólogo de Cardeal Lazzaro You Heung-Sik



FORMAR
NA LIBERDADE E
PARA A LIBERDADE

FRANCISCO INSA (COORD.)

FORMAR
NA LIBERDADE E
PARA A LIBERDADE
SEGUIR CRISTO NA VIDA SACERDOTAL

Prólogo do Cardeal Lazzaro You Heung-Sik
Prefeito do Dicastério para o Clero

[cultor]
de LIVROS

São Paulo, 2023

© **Francisco Javier Insa Gómez, 2022**

Tradução

André Gonçalves Fernandes

Revisão

Inês Midões de Matos

Capa

Liliana Agostinelli

Diagramação

Cecília Hulshof Minowa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Insa, Francisco

Formar na liberdade e para a liberdade:
seguir Cristo na vida sacerdotal / Francisco Insa
(coord.). São Paulo: Cultor de Livros, 2023

ISBN: 978-85-5638-312-9

1. Vida cristã 2. Sacerdócio 3. Formação
sacerdotal I. Francisco Insa II. Título

CDD-248.894

Índice para catálogo sistemático:

1 Vida cristã : Sacerdócio 248.894

Todos os direitos dessa edição estão reservados a:

Cultor de Livros - Editora

Av. Prof. Alfonso Bovero, 257 - Sumaré

CEP 01254-000 - São Paulo/SP

Tel. (11) 3873-5266

www.cultordelivros.com.br

Sumário

Prólogo: Liberdade e verdade na vida do candidato ao sacerdócio	11
<i>S.Em.R. Cardeal Lazzaro You Heung-Sik</i>	
1. <i>Combinar e não opor liberdade e verdade</i>	11
2. <i>Configuração com Cristo, a riqueza do homem</i>	12
3. <i>Sacerdotes peritos em humanidade</i>	14
4. <i>A beleza da razão humana quando compreende a verdade</i>	17
5. <i>Educar para a santidade</i>	20
Apresentação: Seguir Cristo na liberdade	23
<i>Francisco Insa</i>	
1. <i>Se queres ser perfeito</i>	23
2. <i>Respeito à liberdade na tarefa formativa</i>	25
3. <i>A liberdade na formação sacerdotal</i>	29
4. <i>Conteúdo do livro</i>	32
a. <i>O sentido cristão da liberdade</i>	33
b. <i>Educar na liberdade no seminário</i>	34
c. <i>Viver e ajudar a viver a liberdade na vida sacerdotal</i>	35

PARTE I

O SENTIDO CRISTÃO DA LIBERDADE

Capítulo I: Amor, último sentido da liberdade	41
<i>Fernando Ocáriz</i>	
1. <i>Liberdade, característica transcendental da pessoa humana</i>	41
2. <i>Liberdade e amor de Deus</i>	42
3. <i>Liberdade, amor e doação de si</i>	46

Capítulo II: A liberdade na cultura atual	51
<i>Arturo Bellocq</i>	
1. Introdução.....	51
2. A ideia dominante de liberdade na cultura atual.....	54
3. Raízes da ideia atual de liberdade.....	59
4. Recuperar o “contexto” da liberdade de escolha.....	62
5. A ideia de liberdade nos candidatos ao sacerdócio (e algumas propostas para formar uma ideia de liberdade mais rica).....	71

PARTE II

EDUCAR NA LIBERDADE NO SEMINÁRIO

Capítulo III: O papel do reitor e dos formadores	79
<i>Julio Diéguez</i>	
1. Introdução.....	79
2. Governo e educação.....	80
3. Alguns conceitos fundamentais.....	82
a. Formação	82
b. Virtudes	84
c. Liberdade	85
4. Algumas consequências práticas	87
a. Regras vs. iniciativa pessoal	87
b. Racionalidade e razoabilidade	89
c. Responsabilidade	97
d. Clima de confiança	98
5. Conclusão.....	100
Capítulo IV: O respeito à liberdade no labor de formação	101
<i>S.Em.R. Andrea Ripa</i>	
1. Liberdade de consciência e escolha vocacional.....	101

2. O direito à liberdade na escolha do estado de vida.....	104
3. Antes de entrar no seminário	106
4. Durante a formação inicial.....	111
a. Formação espiritual no seminário	111
b. O diretor espiritual do seminário	113
c. Outros diretores espirituais	114
d. O <i>moderator vitae spiritualis</i>	116
5. Admissão à ordenação.....	118
6. Conclusão	121

Capítulo V: Como inspirar confiança e sinceridade
no seminarista?..... 123

Eduardo Gil

1. Introdução.....	123
2. Educadores que inspiram confiança.....	126
a. Integridade	127
b. Competência	128
c. Benevolência	129
3. Seminaristas confiantes	130
4. Ambiente formativo e de confiança.....	132
5. Conclusão	134
6. Algumas referências bibliográficas	136

Capítulo VI: Como harmonizar exigência e liberdade? 137

Rev. Francesco Donega

1. Premissa: exigência, liberdade e obediência.....	137
2. As diferentes formas de corrigir.....	144
a. A correção dirigida ao seminário como um todo.....	145
b. A passagem da correção geral à responsabilidade individual	146
c. Correções individuais.....	146
3. Os momentos e situações mais difíceis.....	148
4. Exigências e requisitos para ordenação	150

5. Preparar o seminarista para a vida sacerdotal.....	151
6. Critérios de avaliação	153

Capítulo VII: Como harmonizar as regras e a liberdade no seminário?	155
---	-----

Giuseppe de Virgilio

1. Da norma à configuração com Cristo	155
2. Três ícones evangélicos para reflexão.....	158
a. “O que procurais?... Vinde e vede!”	159
b. “Fixou nele o olhar, amou-o e disse-lhe: ‘Uma só coisa te falta’”	161
c. “Reuniu seus servos e lhes confiou seus bens... voltou e pediu-lhes contas”	164
3. Algumas ideias para o trabalho no seminário	167
a. Pontos de reflexão.....	167
b. Como apresentar as normas aos seminaristas.....	168
c. Normas e vida comunitária.....	170
d. O exemplo dos formadores	171
e. Participação dos candidatos nas normas	172
f. Internalização da formação	174
4. Conclusão	176
5. Referências bibliográficas.....	179

PARTE III

VIVER E AJUDAR A VIVER A LIBERDADE NA VIDA SACERDOTAL

Capítulo VIII: Rumo a uma liberdade autêntica: libertar-se do sentimentalismo e do voluntarismo	183
---	-----

Mariano Fazio

1. Libertar-se do sentimentalismo.....	184
2. Libertar-se do voluntarismo.....	194

Capítulo IX: Estilos formativos e interiorização da
vontade de Deus 203

Francisco Insa

1. *Os estilos formativos* 203
2. *Estilos pedagógicos dos pais*..... 204
 - a. Estilos parentais de Maccoby e Martin 204
 - b. O estilo autoritário 206
 - c. O estilo permissivo 207
 - d. O estilo negligente..... 208
 - e. O estilo autoritativo..... 210
 - f. Condicionados, mas não condenados 216
3. *Influência dos estilos dos pais na imagem de Deus* 217
4. *Estilos educativos e formação no seminário*..... 222
5. *Como curar a figura de autoridade: a paternidade espiritual*..... 225

Capítulo X: Liberdade e vida no espírito. “A verdade
vos fará livres” (para amar e praticar a verdade) 235

Amedeo Cencini, F.d.C.C.

1. “*Explicatio terminorum*”: *liberdade e liberdade no Espírito*..... 236
 - a. Verdade do Espírito (critério teológico e objetivo) 236
 - b. Liberdade do Espírito (modalidade e mediação pedagógica)..... 237
 - c. Espiritual = relacional 238
 - d. Liberdade (na vida) espiritual..... 239
2. *O Espírito é a sensibilidade de Deus*..... 240
3. *A formação da (na) liberdade como formação da sensibilidade humana à imagem da sensibilidade divina*..241
4. *Pedagogia da formação da sensibilidade*..... 243
 - a. É possível (e necessário) formar a sensibilidade 243
 - b. Cada um é responsável por sua própria sensibilidade..... 245
 - c. Identidade como ponto de referência (da sensibilidade).... 246
 - d. Evangelização da sensibilidade..... 247

Capítulo XI: O desafio da liberdade na vida sacerdotal.....	249
<i>S.Em.R. Angelo de Donatis</i>	
1. <i>A obediência é o caminho para a liberdade</i>	249
2. <i>Causas da crise de autoridade, liberdade e obediência no ministério ordenado</i>	253
a. A crise pós-conciliar da identidade do ministério ordenado	253
b. A aparente antinomia entre autoridade e liberdade	260
c. A busca da autonomia absoluta.....	267
d. A necessidade de fundamentação da autoridade	270
e. A difusão de modelos antropológicos contrários ao cristianismo.....	274
f. A crise de autoridade no governo da estrutura eclesial	277
g. Para uma nova compreensão da obediência.....	278
3. <i>Liberdade cristã no ensino dos papas</i>	280
a. São João Paulo II.....	280
b. Bento XVI.....	282
c. Francisco.....	286
4. <i>Algumas ideias para o discernimento da liberdade e obediência sacerdotal</i>	289
a. União com o Bispo e com o presbitério	289
b. Recuperar o sentido de autoridade na Igreja seguindo o exemplo de Cristo.....	292
c. O presbítero, homem de comunhão	295
d. Caráter pastoral da obediência do sacerdote.....	297
e. Vida espiritual e identidade do presbítero	298
f. Formação à comunhão no exercício da caridade pastoral..	300
5. <i>Conclusão</i>	303

PRÓLOGO

Liberdade e verdade na vida do candidato ao sacerdócio

S.Em.R. Cardeal Lazzaro You Heung-Sik

Prefeito do Dicastério para o Clero

1. Combinar e não opor liberdade e verdade

Com alegria escrevi este prólogo ao livro que reúne as apresentações da VII Semana de Estudos para Formadores de Seminários, promovida pelo Centro de Formação Sacerdotal da Pontifícia Universidade da Santa Cruz. Agradeço-vos de coração o amável e agradável convite, bem como o precioso trabalho que realizais cotidianamente ao serviço de tantos formadores empenhados na delicada missão de acompanhar o caminho dos candidatos ao sacerdócio.

O tema deste livro é de grande importância para a formação adequada dos futuros sacerdotes, pastores do Povo de Deus. De fato, *combinar e não opor liberdade e verdade* é o objetivo fundamental de todo homem que atinge a maturidade aceitando o chamado de Deus. Significa tomar consciência da relação de conaturalidade que existe entre nós, criaturas, e nosso Criador; entre

nós, filhos adotivos, e nosso Pai; entre nós, que nos sentimos amados, e as Pessoas que compõem a Trindade, fonte de amor eterno.

No itinerário formativo, a *íntima harmonia* entre as dimensões humana, espiritual, intelectual e pastoral, bem como as etapas propedêutica, discipular, configuradora e de síntese vocacional permitem aos seminaristas tomar consciência cada vez mais da saudável relação que existe entre a fé cristã e a capacidade, inscrita em cada homem, de abrir-se ao divino e assim expressar, da melhor maneira possível, as potencialidades presentes em cada pessoa.

A liberdade, para ser verdadeiramente como tal, tem sede da Verdade, que é sempre capaz de saciar quem a busca com coração sincero. Esse dinamismo encontra seu sólido fundamento no Evangelho, que nos mostra a relação do Filho de Deus feito homem com as pessoas que conheceu em sua vida terrena, como os primeiros discípulos ou a samaritana junto ao poço de Sicar.

Este prólogo não pode e não pretende esgotar as múltiplas implicações contidas no diálogo entre liberdade e verdade. Pretendo simplesmente compartilhar alguns ensinamentos que poderíamos definir como “jóias” retiradas do Magistério e que possam iluminar a leitura do livro.

2. Configuração com Cristo, a riqueza do homem

A primeira joia, extraída do grande tesouro do Concílio Vaticano II, é um díptico composto por:

- a) a passagem inicial do número 22 da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: “Na realidade, o mistério do homem só se esclarece no mistério do Verbo Encarnado”;
- b) a formulação expressa nos números 1 e 10 da Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa: “a verdade não se impõe de outra forma, senão pela força da mesma verdade, que penetra suave e fortemente nas almas. [...] Porque o ato de fé é voluntário por sua própria natureza, pois o homem, redimido por Cristo Salvador e chamado por Jesus Cristo à filiação adotiva, não pode aderir a Deus que se revela, a menos que, atraído pelo Pai, se entregue a Deus por meio do dom racional e gratuito da fé”.

Estas duas afirmações indicam os caminhos pelos quais deve fluir toda relação eclesial, especialmente a que se estabelece entre mestre e discípulo. No nosso caso, entre formadores e seminaristas.

O primeiro texto indica um *princípio* fundante: o homem ou o jovem descobre-se e se torna plenamente ele mesmo quanto mais se entrega a Deus. Portanto, quando o seminarista é confiado em plena liberdade à Igreja como seu referente objetivo, para ser *assumido e redimido* pelo Filho de Deus, sua humanidade, enriquecida pela graça e sob a ação do Espírito Santo, transforma-se cada vez mais e mais à imagem de Cristo.

É precisamente assim que se realiza aqui e agora a promessa de Jesus a quem o segue: “tereis cem vezes mais aqui embaixo” (cf. Mt 19,29), ou seja, uma humanidade “cem vezes mais humana”, marcada pelos traços de *ternura e parusia*, como recorda o Papa Francisco.

O segundo texto apresenta o modo como se concretiza a descoberta que o seminarista faz de si mesmo. Com efeito, compete aos formadores propor, com constância e paciência, a razoabilidade da fé, ajudando, assim, a amadurecer a inteligência, o coração e a liberdade. O seminarista é, dessa maneira, chamado a um exame pessoal concreto, assimilando o que lhe é oferecido para construir solidamente a própria pessoa. Podemos sintetizá-lo com uma fórmula concisa: “*gratia non tollit sed perficit naturam*”.¹ O caminho da formação deve, portanto, ser entendido e proposto como uma *verdadeira configuração com Cristo*, a verdade que liberta, como se lê na *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*.

3. Sacerdotes peritos em humanidade

A segunda joia é retirada do Magistério do Papa Francisco, que, em muitas ocasiões, pediu que o caminho formativo não fosse proposto ou recebido de forma *formalista*, através de uma mera enunciação de regras exatas, nem assumido passivamente. Ambos os erros impediriam o candidato fosse conduzido com a totalidade do seu ser à plenitude de toda a Verdade.

Durante um encontro com a comunidade de um seminário, o Santo Padre afirmou: “Um padre pode ser muito disciplinado, pode explicar bem teologia, até filosofia e muitas coisas. Mas, se não for humano, não adianta. Deixe-o ir e seja um professor. Todavia, se não é humano,

1 São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 1, a. 8, *ad 2*. Tradução livre: “A graça não despreza, mas supera a natureza”.

não pode ser padre: falta alguma coisa. Ele não tem língua? Não, porque ele pode falar, *mas lhe falta coração*. Peritos em humanidade!”²

A forma exterior que o seminarista assume pode ser irrepreensível, mas a Igreja se concentra no assentimento interior: “Javé disse a Samuel: ‘Não fique focado em sua aparência ou em sua grande estatura, pois isso é descartável. O olhar de Deus não é como o olhar do homem, porque o homem vê as aparências, mas o Senhor vê o coração’” (1Sm 16,7).

Geralmente, nas pessoas, a vontade manifestada externamente (*a forma*) corresponde à vontade interna (*a substância*), mas nem sempre é assim. O caminho formativo deve estar sempre atento a este fato.

Pode acontecer, de fato, que a *obediência à verdade surja apenas de um medo psicológico*. Uma relação de formação que não seja totalmente livre é um desserviço à Verdade e impede uma educação sadia no exercício da liberdade. A este propósito, convém chamar a atenção não só para a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, números 35-43, mas também para a Instrução *O Serviço da Autoridade e Obediência* da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, de 11 de maio de 2008.

Caros irmãos, somente no contexto de uma *livre relação pessoal*, amigável e familiar com Cristo, somente na *docilidade pedagógica* de formadores atentos aos seus passos interiores, somente através da *oração pessoal*, da *vida sacramental*, da *caridade pastoral* e do *estudo teológico*,

² Francisco, *Discurso para a comunidade do Seminário Regional Pontifício de Las Marcas “Pio XI”*, 10 de junho de 2021.

numa autêntica fraternidade, os ordenandos irão, gradualmente, ver florescer sua humanidade “desde dentro”.

Nesse terreno, porém, se enraízam alguns parasitas que devem ser reconhecidos, observando pacientemente para que não sufoquem o pleno desenvolvimento da pessoa. Penso em particular, e com respeito, nas possíveis *feridas pessoais* que devem ser aceitas de acordo com a totalidade da história de cada um para serem “purificadas” ao longo da formação, sem se ter pressa em seguir um cronograma pré-estabelecido para chegar o mais quanto antes à ordenação sacerdotal.

De fato, naquelas situações muito delicadas em que a Verdade é aceita por uma liberdade já marcada por experiências negativas, é preciso mais atenção e mais tempo para atingir a maturidade pessoal adequada, elemento necessário de idoneidade ao sacerdócio. Em algumas ocasiões, não se alcança esta maturidade, o que tornaria oportuno sugerir o abandono do caminho formativo.

A Verdade, de fato, não age de forma “mágica”, curando feridas de repente, mas deve ser continuamente proposta, compreendida e recomposta pelo seminarista para formar uma personalidade revigorada que possa experimentar a ressurreição de Cristo “em sua própria pele”.

O caminho no seminário não deve ser marcado por nenhum formalismo. É preciso estar atento a como a formação é proposta e como é recebida, sempre atento a cada uma das pessoas. Durante uma visita à Arquidiocese de Milão, o Papa Francisco dirigiu-se aos educadores propondo um método sólido e promissor: “Aconselho uma educação baseada no *pensar-sentir-fazer*, ou seja,

uma educação com o intelecto, o coração e as mãos, as três linguagens. Educar para a harmonia das três linguagens, para que os jovens, meninos e meninas, *possam pensar o que sentem e o que fazem, sentir o que pensam e fazem e fazer o que pensam e sentem*. Não as três coisas separadas, mas todas as três juntas. Não só a educação do intelecto: é dar noções intelectuais, que são importantes, mas sem o coração e sem as mãos, as noções não funcionam, não funcionam. A educação deve ser harmoniosa”.³

4. A beleza da razão humana quando compreende a verdade

Por fim, a terceira joia, intimamente ligada às duas anteriores, mostra a beleza da razão humana quando compreende a verdade, respeitando as diferentes pertenças culturais e étnicas, as sensibilidades subjetivas e as correntes de pensamento a que pertencem os formadores ou professores.

Na Encíclica *Caritas in Veritate* (n. 4), Bento XVI afirma: “a verdade é ‘logos’ que cria ‘diá-logos’ e, portanto, comunicação e comunhão. A verdade, resgatando os homens de opiniões e sensações subjetivas, permite-lhes ir além das determinações culturais e históricas e apreciar o valor e a substância das coisas”. Esta afirmação se reflete em muitas esferas da vida da Igreja e do mundo.

³ Idem, *Encontro com os crismandos da arquidiocese de Milão*, 25 de março de 2017.

Quando a liberdade, em virtude de uma filiação cultural ou étnica, de uma sensibilidade humana ou de uma ideologia, assume uma atitude de impermeabilidade à Verdade, então, rapidamente caminha para a autodestruição. Quando um formador ou um seminarista não se deixa alcançar e enriquecer pela verdade natural ou revelada, exigindo, em vez disso, que ela se ajuste à sua própria visão, então, como efeito, sua liberdade caminha para o abismo do orgulho. A verdade, de fato, só pode ser buscada e encontrada com humildade.

Podemos trazer à tona a advertência de Jesus a Pedro: “Afasta-te de mim, Satanás, pois não sentes as coisas de Deus, mas as dos homens” (Mc 8,33). Este encontro entre verdade e liberdade pode ser aplicado, por exemplo, em duas situações concretas: o dom do *celibato eclesiástico* e a *sinodalidade*.

O ensinamento da Igreja latina sobre os eunucos para o Reino de Deus (cf. Mt 19,12) busca sempre o fortalecimento afetivo do homem que recebe este dom e o aceita conscientemente, de modo que supere visões étnicas e culturais, sensibilidades e ideologias certamente legítimas, mas que se revelam parciais.

O celibato, portanto, deve ser apresentado pelos formadores de maneira adaptada aos seminaristas, para que o entendam não de forma redutiva, como uma “renúncia” que os obriga a suprimir uma parte de si mesmos, mas como um dom *que configura ainda mais o futuro ministro sagrado com Jesus, o Sumo Sacerdote*. A totalidade de sua vida entregue a Deus permitirá ao futuro sacerdote amar *ainda mais*, de forma ainda mais gratuita e cheia de afeto saudável, as pessoas que lhe foram confiadas.

Por outro lado, a aceitação do estilo *sinodal* na Igreja, como forma de pensar e exercer o ministério sacerdotal — em comunhão com o Papa, o bispo e os irmãos, na única pertença ao Povo de Deus —, é uma *dimensão intrínseca* do sacerdócio, marcada pela “mística da convivência”.⁴

A sinodalidade, no centro da reflexão atual da Igreja, implica a educação para saber caminhar juntos, nas paróquias e nas dioceses, segundo o modo de ser da comunhão do amor trinitário: “As Pessoas divinas são relações subsistentes, e o mundo, criado de acordo com o padrão divino, é uma teia de relacionamentos. [...] a pessoa humana [...], quando sai de si para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas [...] *assume, em sua própria existência, aquele dinamismo trinitário que Deus imprimiu nela* desde a sua criação. Tudo está conectado e isso nos convida a amadurecer uma espiritualidade de solidariedade global que brota do mistério da Trindade.”⁵

Um seminarista, um futuro sacerdote, não pode, portanto, cair no perigo do individualismo. Os formadores e os candidatos, corrigindo os próprios preconceitos, são chamados a realizar sua vocação em estilo sinodal, com escuta recíproca, fraternidade no mesmo presbitério, em torno do Sucessor de Pedro e do Bispo, ao serviço do Povo de Deus, encarnando uma existência amorosa que extrai sua seiva vital a partir da Trindade.

4 Idem, Carta Encíclica *Evangelii Gaudium*, 24 de novembro de 2013, n. 87.

5 Idem, Carta Encíclica *Laudato si'*, 24 de maio de 2015, n. 240.

5. *Educar para a santidade*

Gostaria de terminar estas linhas enfatizando a importância da educação para a santidade.

A liberdade e a verdade encontram-se no coração da pessoa chamada ao sacerdócio e, a partir do coração, difundem-se através da caridade pastoral. Basta pensar como viveram São João Bosco, o santo Cura d’Ars, São Filipe Neri, o Beato Pino Puglisi, Santo André Kim Taegon, o primeiro sacerdote coreano e, também, São Josemaria Escrivá de Balaguer, o Beato Álvaro del Portillo, o Beato Carlo Gnocchi, o Beato Giorgio Popieluszko e São José Gabriel del Rosario Brochero, que percorreu quilômetros e mais quilômetros, subindo e descendo as montanhas da Argentina em sua mula para estar com o povo.

São João Paulo II, em seu livro autobiográfico *Dom e Mistério*, escreveu, cinquenta anos depois de sua ordenação, que: “Só um sacerdote santo pode ser, num mundo cada vez mais secularizado, uma testemunha transparente de Cristo e do seu Evangelho. [...] Na minha já longa experiência, através de situações tão diversas, entrincheirei-me na convicção de que *só no campo da santidade sacerdotal pode-se desenvolver uma pastoral eficaz, uma verdadeira ‘cura animarum’*.⁶ O verdadeiro segredo do sucesso pastoral não está nos meios materiais e muito menos na ‘riqueza de meios’. Os frutos duradouros do esforço pastoral nascem da santidade do sacerdote”.⁷

6 “Cuidado das almas” – [NR]

7 *Dono e mistero. Nel 50° del mio sacerdozio*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1996, p. 101.

PRÓLOGO

Em suma, *a formação para o sacerdócio é sempre formação para a santidade*, porque a liberdade e a verdade se encontram concreta e esplendidamente nas pessoas que vivem uma vida santa. A fé no Filho, Caminho-Verdade-Vida, fecunda a liberdade dos filhos candidatos às ordens sacras, frutificando na caridade pastoral para o Povo de Deus. Uma vez ordenados sacerdotes, poderão viver plenamente a vocação sacerdotal, dando livremente as suas vida à imitação do Bom Pastor: “Toma, isto é o meu corpo” (Mc 14,22), e “Ninguém tira a vida de mim, mas eu a dou livremente (Jo 10,18).

Isso, como diz o Papa Francisco, é o cheiro que as ovelhas reconhecem: o cheiro dos santos pastores que, *consagrados na verdade* (cf. Jo 17,17) e *permanecendo em seu amor* (cf. Jo 15,9), entreguem-se com um coração indiviso para que todos “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Obrigado e boa leitura!

APRESENTAÇÃO

Seguir Cristo na liberdade

Francisco Insa

Professor de Teologia Moral e secretário do Centro de Formação Sacerdotal da Pontifícia Universidade da Santa Cruz (Roma).

1. Se queres ser perfeito...

O encontro de Jesus com o jovem rico (cf. Mt 19,16-30; Mc 10,17-30; Lc 18,18-30) oferece-nos um exemplo de como o Senhor combina a chamada a uma vida de dedicação com a respeito pela liberdade dos homens.

Um jovem se aproxima do Senhor chamando-o de “bom mestre”, abre seu coração para Ele, expressando o desejo de alcançar a vida eterna, e mostra sua preocupação em ir mais longe no relacionamento com Deus. No diálogo breve e confiante, ele menciona que leva uma vida de acordo com as exigências da lei mosaica há vários anos e já podia sentir-se satisfeito — como o fariseu que se vangloriava diante de Deus desprezando o publicano (cf. Lc 18,9-14). No entanto, ele percebe que isso não é suficiente: Deus merece mais e o jovem quer fazer tudo ao seu alcance para desfrutar com Ele por toda a eternidade.

Jesus, então, muda um pouco de atitude. Ele não se mostra simplesmente como um professor que aponta os preceitos que devem ser seguidos, mas se envolve pessoalmente com seu interlocutor. Poderíamos dizer que tanto sua humanidade quanto sua divindade brilham especialmente quando Ele olha com olhos afetuosos para o jovem (“Ele o amava”) e responde “se queres ser perfeito, vá, venda seus bens, dê aos pobres e você terá um tesouro nos céus. Depois, vem e me siga”.

Vale a pena notar que, no Evangelho de Mateus, Jesus inicia sua resposta de forma condicional e não com um imperativo: “Se queres...” e não “Deves fazer...”. O Senhor faz um convite e assim deixa, implicitamente, a porta aberta para que lhe digam não. No entanto, a resposta é exigente. Pede-lhe tudo: renunciar à família, aos bens materiais, aos planos de futuro e segui-Lo numa vida que — o jovem bem sabia — implicava não ter “onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58).

Parece que essa resposta coincide com as aspirações e preocupações que levaram o jovem a procurar o Mestre e pedir conselhos. No entanto, produz uma lágrima em sua alma que o jovem não consegue superar. “Tinha muitos bens”, diz-nos o Evangelho, e não era capaz de renunciar a eles. Ele nem se preocupa em responder, negociar ou se despedir do “bom mestre”. Ele simplesmente vira as costas e começa a voltar para casa, para aqueles bens dos quais não pôde se desfazer, mas o faz com um profundo sentimento de tristeza que contrasta com o ímpeto inicial com que manifestou sua preocupação. Pode-se dizer que, em poucos segundos, ele envelheceu vários anos. Perdeu o vigor da inocência.

Aqui, encontramos o segundo sinal do respeito de Jesus pela liberdade: Ele o deixa ir. Ele não tenta convencê-lo, porque a oferta era clara (vida terrena pela vida eterna), e nem o ameaça apontando que está colocando sua salvação em risco. Mas também não tenta aliviar sua consciência (“não se preocupe, você já estava fazendo muita coisa boa”) nem diminui o nível de demanda (“você não precisa levar ao pé da letra: basta vender metade dos seus bens, como fez Zaqueu”). Jesus permanece firme no tudo ou nada e se resigna a perder uma vocação que o atraía.

Assim como o jovem sai triste, Jesus também se comove, a ponto de fazer um comentário que pode parecer pessimista: “difícilmente, um rico entrará no Reino dos Céus”. A rápida intervenção de Pedro, que deixa claro que ele e os outros onze realmente deixaram tudo e o seguiram, tira Jesus de seu embaraço momentâneo e o leva a prometer a todos que renunciarem livremente aos seus bens e o seguirem que “receberão cem por um aqui e, ainda, herdarão a vida eterna”.

2. Respeito à liberdade na tarefa formativa

Durante uma conversa de direção espiritual, um jovem compartilhou comigo uma preocupação que o consumia. Anos antes, diante do que considerava a passividade dos pais, assumira o papel de guia da irmã mais nova. Como esse jovem tinha um caráter bastante controlador, fez sua irmã pedir sua aprovação para tudo que estava fora do comum. Inicialmente, ela aceitou pacificamente e consultou-o sobre seus planos, confidenciou-

-lhe suas preocupações e estava sinceramente grata pela ajuda que o jovem “chefe de família” lhe deu. Nos últimos meses, porém, ela havia entrado numa espécie de rebeldia adolescente que a levou a rejeitar o controle fraterno e embarcar em novos relacionamentos e atividades, algumas das quais poderiam comprometer — no momento remotamente — seu desempenho acadêmico e sua vida cristã. O fato de ver sua irmã “fora de controle” deixou o jovem angustiado, pois temia tomar decisões com consequências irreversíveis, às quais respondeu aumentando as tentativas de controle.

Ocorreu-me perguntar-lhe se ele havia considerado a atitude que Deus tem conosco: providencialmente, cuida de nós, mas nos criou livres, assumindo o risco de errarmos e colocarmos em risco nossa salvação eterna. A resposta desse menino me surpreendeu: “Sim, pensei nisso muitas vezes e cheguei à conclusão de que eu não teria criado o homem assim: lamentaria muito se ele fosse condenado”. A conclusão que tiramos é que, ou ele estava cometendo um erro na maneira de tratar a irmã... ou Deus cometeu um erro ao nos criar livres.

Ninguém melhor do que Deus conhece a grandeza a que somos chamados e conhece a nossa limitação. Ele está disposto a superar essa distância, concedendo-nos abundantemente sua graça e colocando em nosso caminho pessoas que, com seu exemplo e palavras, nos guiem para alcançar uma vida valiosa, humana e sobrenaturalmente. No entanto, Ele respeita nossas escolhas, mesmo que elas possam nos afastar de nossa felicidade terrena e eterna. E o faz precisamente porque nos ama e porque quer que retribuamos livremente esse amor. Ele supõe que alguns insistirão em ignorá-Lo, mas insiste

que nos entreguemos a Ele da única maneira de acordo com a natureza com a qual Ele nos criou: livremente. Nas palavras de São Josemaria Escrivá, Deus “quis correr o risco de nossa liberdade”.⁸

Penso que esta atitude de Deus, da qual o episódio de Jesus com o jovem rico é um claro exemplo, pode servir de referência para todos os educadores (pais, professores, sacerdotes, tutores, mentores, formadores, etc.), mesmo que estejam fora de um marco explicitamente cristão. A tarefa da formação não consiste em “fazer com que o outro faça coisas”, mas em ajudar o formando a viver o estilo de vida que ele mesmo quer seguir. Isso requer iluminar a meta — sugerindo, talvez, outras ainda mais altas —, reforçando as razões pelas quais vale a pena alcançá-la, descobrindo os obstáculos internos e externos e mostrando os meios para superá-los. Em outras palavras, o formando deve exercer a liberdade de escolher o fim e os meios, mas também precisa superar os obstáculos que se interpõem no caminho, como a vontade débil, o apego aos bens inferiores, a dependência excessiva dos altos e baixos dos estados de ânimo etc. Em suma, há uma liberdade *para* seguir uma direção e uma liberdade, ou libertação, *dos* condicionamentos internos.

Na tarefa da formação cristã, partimos da beleza da mensagem de Cristo, capaz de satisfazer todos os desejos do ser humano. Agora, se é assim, por que há pessoas que o rejeitam? Aqui, colidimos com a realidade do pecado original e dos pecados pessoais, que obscurecem a inteligência e enfraquecem a vontade. Todavia, o próprio problema nos mostra a solução, que começa com

⁸ *É Cristo que passa*, São Paulo: Quadrante, 2015, n. 113.

a apresentação do evangelho em toda a sua maravilha: Deus nos chama para ter um relacionamento pessoal com Ele, agora na terra e por toda a eternidade! A primeira tarefa é colocar as pessoas face a face com Cristo — como Filipe fez com seu amigo Natanael: “venha e verás” (Jo 1,46) — através de uma vida de oração e frequência dos sacramentos. Contudo, isso não é suficiente, porque o jovem rico apareceu espontaneamente diante de Jesus, conversou com ele e se recusou a segui-Lo.

Essa tarefa também demanda um trabalho de purificação da vontade e dos afetos, que podemos categorizar como um crescimento de virtudes — através da luta ascética, como tradicionalmente se chama — que geram em nós uma co-naturalidade com o bem e nos levam a comprometermo-nos pronta e alegremente, apesar das renúncias que são necessárias. Era o que faltava ao jovem rico, cujos desejos de seguir o mestre colidiam com o apego às realidades terrenas. Não estava livre *de*, portanto, não podia ser livre *para*.

Em outras palavras, poderíamos dizer que devemos ter clareza sobre a hierarquia dos bens em nossa vida (que estaria principalmente relacionada à vida de piedade e formação doutrinária) e ter a disposição de espírito para seguir essa hierarquia nas decisões concretas de nossa existência. É aqui que entra o papel do formador, cuja função, segundo São Josemaria, consiste em “ajudar a alma a querer — sempre que lhe apetecer — cumprir a vontade de Deus”.⁹ Uma vontade de Deus da qual — vale ressaltar — o formador não é uma espécie de porta-voz, mas sim que deve ser descoberta

⁹ Idem, *Carta de 8 de agosto de 1956*, nº 38.

pelo interessado durante a oração, contando com os sinais que a Providência ordinária que Deus lhe mostrou e ouvindo os conselhos de pessoas que o amam e se importam com ele.

Infelizmente, encontraremos em nossas vidas pessoas que não têm vontade de seguir Cristo. Teremos, então, que seguir o exemplo do Senhor e respeitar a sua escolha. Como Ele mesmo fez, sem dúvida, deixaremos sempre a mão estendida e redobramos nossa oração para que Deus o ilumine mais fortemente e continue a dispensar sua graça para que reconsidere, decida remover os obstáculos que impedem sua dedicação e se coloque de volta diante do Senhor, que não deixará de lhe conceder uma segunda chance. Quem sabe se, passados os anos e quando atingiu sua maturidade, este jovem rico acabou por se juntar ao grupo dos discípulos do Senhor e teria contado, envergonhado, a amargura que encontrou abraçando as suas riquezas.

3. A liberdade na formação sacerdotal

Certa ocasião, ouvi um comentário de um jovem sacerdote poucos meses depois da ordenação e ingresso na paróquia: “no seminário eu era livre, mas agora sou... mais livre ainda”. Antes de mais nada, queria assinalar que, durante seus anos de formação inicial, ele se sentiu livre quando seguiu o horário, as normas e as práticas de piedade que, de alguma forma, lhe foram dadas. Entretanto, sublinhou que, sobretudo agora que não tinha ninguém por perto para o encorajar e supervisionar, estava consciente de que colocava à prova o quanto

considerava necessário dedicar alguns momentos do dia à oração, manter o quarto em ordem, ter uma agenda, etc., em outras palavras, o quanto ele havia internalizado a preparação recebida no seminário.

A *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* fala em inúmeras ocasiões da formação da liberdade como um dos objetivos do seminário.¹⁰ Da mesma forma, afirma que os formadores devem sempre respeitar a liberdade dos candidatos,¹¹ especialmente no que diz respeito ao caminho percorrido para o sacerdócio.¹² Um dos frutos da vivência neste clima será que, em seu ministério pastoral, saberão sempre respeitar a liberdade dos fiéis.¹³

Creio que esses objetivos são facilitados quando o foco da formação não se concentra tanto em “formar seminaristas”, mas em “formar sacerdotes”. Ou seja, quando o objetivo não é que os candidatos cumpram o estabelecido no regulamento sobre as práticas de piedade, a frequência das conversas com os formadores e o diretor espiritual, os horários de entradas e saídas, o aproveitamento do tempo, a ordem, as despesas, etc., mas que percebam que todos esses fatores serão ainda mais importantes na futura vida sacerdotal, mesmo que não tenham um regulamento que de alguma forma os imponha. Em suma, que queiram, “que lhes dê na gana”, para continuar com a expressão de

10 Cf. Congregação para o Clero, *O dom da vocação presbiteral*. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, 8 de dezembro de 2016, Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016, nn. 18, 20, 29, 41, 43, 46, 63, 67, 109, 110, 111, 115, 119, 148 e 182.

11 Cf. *Ibid.*, nn. 49, 107, 194.

12 Cf. *Ibid.*, n. 136; nt. 315.

13 Cf. *Ibid.*, n. 121.

São Josemaria, incorporar estas práticas em suas vidas, presente e futura.

Isso exige que os candidatos tenham claro que as regras do seminário gozam de um status diferente. Algumas são concretizações de obrigações genéricas (ter uma vida de piedade e um horário de sono e refeições) e, após a ordenação, terão de especificar como eles as adaptarão à sua nova situação. Por exemplo, a conveniência de ter um diretor espiritual será mantida, mas as possibilidades de escolha serão ampliadas e precisarão de mais iniciativa para manter a periodicidade. Por outro lado, a forma de canalizar sua vida espiritual poderá materializar-se de uma forma um pouco diferente de como a viveram no seminário, pois poderão adaptá-la muito mais à sua própria sensibilidade, ao que pensam, em consciência, que facilita seu relacionamento com Deus, o ambiente em que descobriu sua vocação, etc.

Muitas outras obrigações, ao contrário, simplesmente desaparecem ao se deixar a vida comunitária no seminário e, provavelmente, serão substituídas por outras, marcadas pelas novas obrigações pastorais.

O importante é que o seminarista conclua o período formativo sabendo que continuará precisando, ao longo de sua vida, viver práticas cotidianas de piedade, confessar-se a cada poucas semanas, buscar um acompanhamento espiritual, fazer periodicamente exercícios espirituais, etc., e que disso dependerá a solidez da sua identidade sacerdotal e a eficácia da sua tarefa evangelizadora. Uma formação é reputada como boa na medida em que conseguiu internalizar essas necessidades no formando e fazer com que ele as viva em clima de liberdade de espírito. Isso só é possível quando os candidatos

foram formados em liberdade, o que exige competências específicas por parte dos formadores:

Um reto acompanhamento, equilibrado e respeitador da liberdade e da consciência dos demais, que os ajude em seu crescimento humano e espiritual, exige que cada formador esteja dotado de certas capacidades e de certos recursos humanos, espirituais, pastorais e profissionais. Quem tem confiada a si a formação precisa também de ter uma formação específica e uma generosa dedicação a esta importante missão. São necessários formadores que saibam garantir uma presença a tempo integral e que sejam, antes de tudo, testemunhas de como se ama e como se serve o Povo de Deus, consumindo-se pela Igreja sem reservas.¹⁴

4. Conteúdo do livro

Entre 31 de janeiro e 4 de fevereiro de 2022, decorreu na Pontifícia Universidade da Santa Cruz (Roma) a VII Semana de Estudos para Formadores de Seminários, com o título “Se o Filho vos der liberdade, sereis verdadeiramente livres. A formação *na* liberdade e *para* a liberdade no caminho sacerdotal”. Quase uma centena de sacerdotes de vinte países reuniram-se na Cidade Eterna ou participaram *online* para refletir e trocar experiências de vários pontos de vista (teológico, filosófico, pastoral, pedagógico e psicológico). Tanto nas apresentações

¹⁴ Ibid., n. 49.

como no diálogo entre os participantes, surgiram ideias e abordagens úteis para aprofundar a importância deste aspecto da formação e ver formas de o concretizar no próprio seminário.

Este livro reúne as conferências que foram dadas naquela ocasião, para colocá-las à disposição dos formadores de seminários das diversas dioceses do mundo. Penso também que a maioria destas sugestões também se aplicam a quem já recebeu a ordenação e a pessoas de qualquer idade e condição que se dedicam a acompanhar outras pessoas no desejo de melhorar a sua vida cristã.

Os artigos foram agrupados em três partes que formam a espinha dorsal do livro.

a. O sentido cristão da liberdade

A primeira seção estabelece um marco para as demais reflexões, explicando o que se entende por liberdade do ponto de vista filosófico e teológico, e contrastando essa noção com outras formas de entendê-la que se desviam da antropologia cristã.

O livro começa com a reflexão de Monsenhor Fernando Ocáriz (Prelado do Opus Dei e Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade da Santa Cruz) sobre a liberdade como característica fundamental da pessoa humana. Por sua própria natureza, a liberdade requer o exercício através do amor a Deus e aos outros homens.

Em seguida, Arturo Bellocq (Professor de Teologia Moral da Pontifícia Universidade da Santa Cruz) descreve a ideia de liberdade predominante em nossos dias, que define (na linha de Pinckaers) como “liberdade de indiferença” e que consistiria na mera capacidade de

escolher. Depois de explicar suas origens históricas, ele a contrasta com uma “liberdade de qualidade” que leva a se esforçar para alcançar os bens superiores aos quais cada pessoa aspira. Termina oferecendo algumas orientações úteis para o trabalho do seminário.

b. Educar na liberdade no seminário

A segunda parte centra-se na formação dos candidatos ao sacerdócio pela comunidade de formadores. Passamos, portanto, da liberdade no sentido abstrato rumo àquilo que se coloca em jogo nas relações interpessoais que se dão no seminário.

Esta seção começa com o capítulo de Julio Diéguez (Professor de Teologia Moral da Pontifícia Universidade da Santa Cruz). Partindo de sua própria experiência como reitor de seminário, sugere que a comunidade de formadores procure o crescimento das virtudes do candidato, para que ele internalize a formação e decida incorporar em sua vida não só as regras do seminário, mas o estilo de vida de um padre.

S.E.R. Mons. Andrea Ripa (subsecretário da Congregação para o Clero no momento da conferência) fala sobre a liberdade do candidato na escolha de sua vocação, que deve ser respeitada ao considerar a possibilidade de se doar a Deus, durante os anos de formação inicial e quando chega o momento de solicitar (ou não) a ordenação sacerdotal.

A seguir, Eduardo Gil (vice-reitor do Colégio Eclesiástico Internacional *Sedes Sapientiae*) expõe as atitudes que facilitam ao seminarista confiar nos formadores. Por parte destes, destaca-se a integridade, competência e

benevolência, enquanto, por parte dos seminaristas, destaca-se ver, nos formadores, o papel de ajudantes e não de juizes, um sentido eclesial e um contato fluido com o reitor e o restante da equipe formativa. Por fim, aponta algumas características do seminário como instituição que favorece ou, ao contrário, dificulta essa confiança.

A vasta experiência permite a Francesco Donega (reitor do Seminário Diocesano *Redemptoris Mater* de Roma) considerar como equilibrar demanda e liberdade no seminário. Ressalta a importância de uma correção afetuosa e leal, que respeite quem errou, mas não deixe de apontar os aspectos em que deve melhorar no seu caminho de configuração a Cristo.

Esta parte termina com Giuseppe de Virgilio (professor de Novo Testamento e Teologia Bíblica da Pontifícia Universidade da Santa Cruz), o qual apresenta a tarefa de harmonizar regras e liberdade no seminário. Essa integração é facilitada quando os formadores se esforçam para dar o exemplo, explicar a razão das regras e sua importância ímpar, ilustrar o impacto de seu próprio comportamento na vida dos outros e contar com os seminaristas na revisão e atualização contínuas das regras.

c. Viver e ajudar a viver a liberdade na vida sacerdotal

O livro conclui mostrando a importância da liberdade após a ordenação sacerdotal, tanto na vida pessoal do sacerdote como na ação pastoral.

Esta seção começa com Dom Mariano Fazio (Vice Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade da Santa

Cruz), que fala de dois inimigos da liberdade: o sentimentalismo e o voluntarismo. Ele ilustra suas reflexões com exemplos retirados dos clássicos da literatura e conclui mostrando que uma formação que realmente queira atingir a pessoa em sua totalidade deve abranger sua inteligência, sua vontade e seu mundo afetivo.

Francisco Insa (professor de Teologia Moral e secretário do Centro de Formação Sacerdotal da Pontifícia Universidade da Santa Cruz) definiu a pedagogia com base nos diferentes estilos educativos parentais (autoritário, permissivo, negligente e autoritativo) e os aplica a todo o trabalho formativo. Mostra a repercussão que esses estilos têm na personalidade do educando, no estilo educacional que ele mesmo adotará e no seu trato com Deus. Termina mostrando como a paternidade espiritual do sacerdote pode ajudar a curar as feridas biográficas de quem sofreu deficiências emocionais durante a infância.

A educação da sensibilidade é tratada pelo Pe. Amedeo Cencini (Professor da Pontifícia Universidade Salesiana e da Escola Prática da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica). A sensibilidade, afirma, não é simplesmente uma resposta automática de que nada vem até nós, mas cada um é responsável por educá-la através de suas ações cotidianas.

O livro termina com a contribuição do Cardeal Angelo De Donatis (Vigário Geral do Santo Padre para a Diocese de Roma) sobre a obediência na vida do sacerdote. Depois de estudar as raízes da atual crise de liberdade e obediência, ele apresenta a obediência como consequência dos *tria munera* que o sacerdote recebeu do próprio Cristo e que deve manifestar-se na unidade com o seu

APRESENTAÇÃO

Bispo, na fraternidade sacerdotal e na generosa dedicação aos seus fiéis na missão evangelizadora.

Espero que este livro sirva aos responsáveis pela formação nos seminários em sua tarefa de ajudar os candidatos a se apresentarem diante de Deus como o jovem rico, perguntar-Lhe qual é Sua vontade para eles e, contrariamente ao que fez o personagem evangélico, dizer-lhe, livremente, um “sim”.

Para concluir esta apresentação, gostaria de agradecer às pessoas que tornaram possível que o livro visse à luz, especialmente os demais membros do Comitê Diretor do Centro de Formação Sacerdotal da Pontifícia Universidade da Santa Cruz, professores John Wauck, Manuel Belda e Miguel de Salis.